



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

FRANCENILDA DOS SANTOS NUNES

**ENTRE O BATUQUE DA UMBANDA E O GINGADO DO CANDOMBLÉ: AS
PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CIDADE DE GUARABIRA-PB**

**GUARABIRA – PB
2018**

FRANCENILDA DOS SANTOS NUNES

**ENTRE O BATUQUE DA UMBANDA E O GINGADO DO CANDOMBLÉ: AS
PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CIDADE DE GUARABIRA-PB**

Artigo apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca.

GUARABIRA-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972e Nunes, Francenilda dos Santos.
Entre o batuque da Umbanda e o gingado do Candomblé
(manuscrito) : as práticas religiosas na cidade de Guarabira-PB
/ Francenilda dos Santos Nunes. - 2018.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Religiosidade. 2. Candomblé. 3. Umbanda. I. Título
21. ed. CDD 299



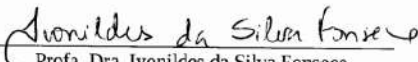
FRANCENILDA DOS SANTOS NUNES

**ENTRE O BATUQUE DA UMBANDA E O GINGADO DO CANDOMBLÉ:
AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CIDADE DE GUARABIRA-PB**

Artigo apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: 27/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca
(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe Francisca Lima e meu pai Josenildo Nunes, pela dedicação, à minha irmã Rita de Cássia, pelo companheirismo e amizade, à minha avó Severina pelas raízes (In Memoriam), DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Às Energias superiores que nos rege e ilumina por esses longos caminhos cheios de curvas.

Ao meu pai Josenildo e minha mãe Francisca por me dar mais do que podiam e tudo o que não puderam ter; obrigada pelo sacrifício do ensino e pelo dom da vida.

À minha única irmã de sangue, Rita de Cássia por cuidar de mim, ser uma espécie de mãe mais nova e por acreditar em minha capacidade mesmo não aprovando alguns caminhos.

Às minhas tias Edite, Lúcia e Vera pelo incentivo e colaboração da minha pesquisa, pelas raízes que me revelaram.

Aos meus Avós hoje todos *in memoriam* por todo amor recebido.

À minha primeira coordenadora de curso Marisa Tayra (*in memoriam*), mesmo com pouco tempo de convivência me cativou e me incentivou a observar a história e querer entrar no mundo da pesquisa.

Aos meus queridos sobrinhos Joaquim e João pelos momentos de ternura e atenção de Joaquim ao perguntar quase sempre “Titia, a senhora já terminou seu trabalho?”.

Aos professores do Curso de História da UEPB campus III, em especial, A Naiara, Elisa, Susel, Alômia, meu mestre Carlos Adriano (a quem tenho imenso carinho e respeito), Gilvan, Ruston, Martinho, Cibelle, Edna, Joedna, Mariângela, Simone, Regina, Waldeci, Juvandi, Cristiano, que contribuíram ao longo desses, por meio das disciplinas e debates, para o meu crescimento acadêmico, também agradeço pela amizade e afeto, são mais que professores.

Aos professores do Departamento de Educação, Rita Rocha, Gisânia, Rita Cavlcante, Ivonildes, Rônia, Rosilene, Assis, Márcia, Mônica, Verônica, Aline, por toda colaboração e ajuda.

Aos funcionários da UEPB, tia Rejane, Jane, Seu Antônio, Tio João, Bruno, Fagner, Davi, Kellyson, Sandra, todos da empresa CRIART e os seguranças, aos secretários do curso Diego, Paulinha, Lutécia e Thiago pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos bibliotecários, por todo suporte dado na biblioteca e principalmente pela organização.

Ao Amarildo por toda criatividade e organização para um melhor funcionamento do campus otimizando o espaço para os eventos que fizemos.

Ao Jedicleison por ter escutado uma conversa minha em 30 de setembro de 2013, com minhas novas colegas de turma Maedna, Layse, Délis e Carol sobre meu interesse pela cultura afro-brasileira, nas escadarias do bloco B, me convidando no outro dia para participar de uma reunião da extensão "Coisas de negro, coisas de brasileiros", no bloco C sala 06 onde conheci o professor responsável e na época diretor do campus, Waldeci Ferreira Chagas que me permitiu ingressar ao grupo e tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas como Djanira Meneses, hoje grande amiga, Alexandre, Walquiria, Sandra, Vanessa, Dognnys, Joel, Velbiane, e somamos nosso conhecimento.

Ao NAU (Núcleo de Artes Universitário) em 2015 tivemos esse presente, através de Dja, alunos se juntaram para fazer e trazer arte, nossa universidade era parada então trouxemos teatro, poesia, música, interações dos cursos, arte regional e tudo era feito de aluno pra aluno, nos encantamos com tamanha lindeza e então conheci outras pessoas maravilhosas como Jamylli, Dani, Tom, Alex, BD, Débora, Robson, Monge, Thami, Luan, Thaís Mara, Dora, Neto, Diêgo, Ana, Bianca, Olívia, Danny, Annielly, Gaby, Manoel (Cuscuz) Sandrelly, Jéssica Pessoa, Jordana, Najila, Thomas, Karol, Hortênsia, Selton, Railson, e tantos outros, modificamos aquele espaço trazendo nossas autorias foi um momento lindo de nossas vidas.

Ao Coletivo Violeta Formiga em suas três gerações, por todo conhecimento que produzimos e disseminamos nesses três simpósios e todos os eventos, à Ariel, Rawane, Joelma, Ruth e todos que fizeram este coletivo um dia.

Aos grupos de luta em defesa da UEPB, #TAMBÉMSOMOSUEPB, #RESISTEUEPB, #OCUPACAMPUSIII, nesses grupos várias pessoas já citadas promovemos resistência e melhoria em nosso campus, mesmo que poucas não nos calam. Obrigada pelo espírito de luta estudantil, assim fui me encontrando e perdendo minha timidez.

À Lidyane por me incentivar a começar minha pesquisa de campo.

Aos colegas de classe na pessoa de Carla, pelos momentos de amizade e apoio que serão para o resto da vida.

Ao Diogo Costa por me mostrar que eu quero e sou capaz de lecionar.

Aos amigos de Infância Rayssa e Ewerton por estarem sempre presentes em minha vida, não importa o momento.

As amigas de sempre Aninha, Alda, Janaína e Reginalva, por cada conselho.

À Andreza por toda ajuda e explicação, grata.

À Fabiana e Dora pela confiança em mim depositada.

À Banca compostas por pessoa que muito admiro por aceitarem fazer parte dessas minhas histórias e minha orientadora que me escolheu e me nutriu de conhecimento africano e afro-ameríndio todo esse tempo. Obrigada à todxs que somaram comigo nesses anos de universidade e aos que permaneceram.

"E de guerra em paz de paz em guerra
todo povo dessa terra quando pode
cantar, canta de dor." Mauro Duarte/Paulo
Duarte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 PRÁTICAS DO CANDOMBLÉ E DA UMBANDA.....	10
2.1 Mãe Joseane: Vocação e Resistência.....	11
2.2 Mãe Luzia: Encontros e Encantos.....	14
3 AS PRÁTICAS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
5 REFERÊNCIAS.....	19
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	20
APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO MÃE JOSEANE.....	22
APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO MÃE LUZIA.....	23

ENTRE O BATUQUE DA UMBANDA E O GINGADO DO CANDOMBLÉ: AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CIDADE DE GUARABIRA-PB

Francenilda dos Santos Nunes¹

RESUMO

Falar de África trata-se de conhecer nossas próprias raízes, que por mais que sejam faladas hoje, para alguns, ainda é algo desconhecido e negligenciado. Falar sobre a religiosidade afro-brasileira é falar de vocação e principalmente de resistência; é conhecer um povo que preza por sua família; é falar da população negra de Guarabira-PB, que é discriminada por sua cor e por suas práticas religiosas, que se encontram às margens da sociedade, como o Candomblé, a Umbanda e a Jurema Sagrada. Nesta pesquisa, foi encontrado um pedaço da África na cidade de Guarabira-PB, sob a liderança de duas mulheres negras e fortes, zeladoras de santo, que desde a infância encontraram seus dons e se conectaram com seu espiritual e com elementos de origem africana. Além de organizado em nosso Brasil e presente em nossos estados como herança cultural, a realidade é que a cultura africana e afro-brasileira é bem presente na cidade; porém, as casas onde existem as práticas não são acessíveis ou facilmente identificadas. Normalmente localizadas em bairro periféricos e/ou escondidas, a maioria não tem uma placa ou alguma identificação para informar que aquele local é um terreiro, diferentemente de mãe Luzia, que tem uma placa, e mãe Joseane, que tem sua casa de candomblé sinalizada. Com a ajuda dos moradores e das próprias sacerdotisas, fomos capazes de encontrar as outras casas. Pudemos assim, compreender um pouco sobre a vida dessas mães de santo e desmistificar a demonização e o preconceito que a sociedade tanto lhes impõe.

Palavras-Chave: Religiosidade. Candomblé. Umbanda.

1 INTRODUÇÃO

Durante cerca de quatro séculos, o continente africano foi explorado em suas riquezas materiais e principalmente na força da mão de obra negra explorada, que foi arrastada para o Brasil. Foram milhares de negros traficados em condições desumanas em meio à imundície dos Navios Negreiros², debaixo de açoites com

¹ Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: france_snunes@hotmail.com.

² Nome dado aos navios de carga que transportavam os escravos.

uma péssima alimentação, submetidos a porões escuros, doenças e mortes para levantar a economia dessa terra de gente mestiça. Muito pouco sobre este continente era estudado na educação básica, até a sanção da Lei 10.639/03 sob o governo do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o crescimento desse interesse vem nos mostrando a importância dessa herança africana a tirando do desconhecimento por parte do povo brasileiro. Nem todos os escravizados conseguiram chegar ao Brasil, trouxe em sua bagagem o repertório cultural, especialmente sua fé e seus costumes.

A religião Candomblé não surge na África, o que vamos encontrar por lá é o culto às deusas e deuses ancestrais, às forças das energias antigas. Como sabemos, os negros vieram de lugares distintos da África e falavam vários idiomas, foram misturados para diminuir a probabilidade de revoltas e motins; e em cada região dessas, cultuava-se um Orixá³ diferente e em meio às senzalas organizaram um sistema de um culto diferente aos quais se agregavam todos os deuses africanos e eram eles: Ogum, Oxóssi, Abaluaê, Ossaim, Oxumaré, Xangô, Iansã, Nanã, Obá, Iroko, Iemanjá, Ibejis, Ewá, Logun - Edé e Oxalá. Todas essas divindades têm seu ponto de força em um local da natureza e hoje chamamos essa religião de candomblé.

Segundo Carneiro (1959, p.8 *apud* OLIVEIRA,2014, p.31),

Por extensão, como sabemos, batuque se aplica a toda e qualquer função à base de atabaques. Exclusivamente de referência ao culto, há na Bahia a forma batucajé. De qualquer modo, trata-se de palavra profana. Herskovits e, posteriormente, Roger Bastide registraram pará no Rio Grande do Sul, esclarecendo que os cultos de Porto Alegre são chamados de pará pelos crentes e batuque por estranhos. A palavra pará parece ser tupi, e não africana, _ a menos que se verifique a hipótese, pouco provável, de ser uma deturpação de Bará, nome por que é conhecido entre os negros gaúchos o mensageiro Èxu.

Quando o senhor toma conhecimento da prática dos escravos (receber as divindades). A Igreja Católica começa a pressionar os "donos" dos escravos para impedir os negros de se manifestarem e praticar sua religião impondo a catequese e outras formações católicas para os escravizados e assim o fez. A religião foi imposta nessas terras pelo homem europeu e tida como oficial, porém uma das coisas que acompanharam os africanos era o amor por sua terra e a sua fé, então fingiram abandonar suas práticas e deixaram que o senhor da terra acreditasse que agora

³ Divindades de origem africana.

eles seguiam os santos católicos sendo que no ambiente a eles destinado havia escondido uma estatueta que representava seu Orixá e a vista uma imagem católica, isso ficou conhecido com sincretismo católico, onde existe um mascaramento do sistema religioso dos escravizados para uma melhor aceitação.

Para (PINSKY, 2009, p. 60),

O escravo era batizado logo que chegava ao seu local de trabalho – fazenda ou cidade – recebendo nome "cristão". Devia esquecer a forma pela qual era chamado no seu lugar de origem. A atribuição de um novo nome e o batismo representavam a transformação do cativo em escravo, isto é, o início do trabalho compulsório.

Diante do exposto, verifica-se a necessidade de intensificar as pesquisas a respeito do tema, tendo em vista os poucos estudos desenvolvidos nessa área com a temática voltada para o âmbito da cidade de Guarabira. Além disso, é uma cidade que possui cerca de treze casas de matrizes africanas e mais estão sendo abertas. No entanto, elas são silenciadas por falta de órgão que dê amparo e visibilidade a sua existência na cidade. Com isso, é do interesse da pesquisadora em problematizar sobre o assunto, na perspectiva de desconstruir a demonização dessa religião, à frente falaremos um pouco sobre as duas zeladoras escolhidas.

A partir das problematizações e justificativas apresentadas, definiu-se como objetivo geral desta pesquisa:

- a) Registrar aspectos da vida de 02 mulheres mães de santos da cidade de Guarabira/PB.

E como objetivos específicos, estabeleceram-se os seguintes:

- a) Coletar dados sobre a vida da iniciação religiosa;
- b) Identificar a experiência do preconceito social no processo de iniciação religiosa;
- c) Apresentar a historicidade das mães de santo de Guarabira-PB.

Como técnica de coleta de dados fez-se uso da história oral e da observação através de visitas aos terreiros de Umbanda e Candomblé. À observação in loco e à coleta de dados, somou-se a técnica de entrevista e caderno de campo.

Em termos estruturais, este artigo apresenta-se em 4 partes. A primeira seção constitui a introdução composta pela problematização, justificativa, objetivo geral e específico. A segunda seção refere-se às práticas do Candomblé e da Umbanda. Discuti as questões da entrada do médium na religião, a organização do sistema e

sobre o culto à divindades e entidades que também perpassam na Jurema que também é um culto afro-brasileiro peculiar da região Nordeste do Brasil.

A terceira seção enfatiza as práticas da cultura afro-brasileira mediante a pesquisa, traz um pouco da herança negra em nosso país, costumes, e a dificuldade de encontrar essas casas em Guarabira. E a quarta as considerações finais nas quais foi ressaltada a sua relevância do tema para o meio acadêmico.

2 PRÁTICAS DO CANDOMBLÉ E DA UMBANDA

Ao longo da História brasileira existiram pontos em comum nas estruturas de fé religiosa entre a forma de culto do catolicismo popular e das religiões de origem africana e indígena, especialmente no que tange a devoção aos santos e deuses titulares, que possibilitaram o sincretismo e a síntese da qual se originaram as religiões afro-brasileiras. Nesse contexto, as religiões de matrizes africanas têm em sua maior parte a mistura característica brasileira, o que leva a ser estudada mais profundamente a fim de analisar as suas características e diferenças.

O nome candomblé surge a partir de uma das danças culturais decorrentes entre os escravos nas fazendas onde viviam. No caso do candomblé não é possível especificar ao certo quando foram realizados os primeiros rituais religiosos no Brasil com este nome, mas sabe-se que os elementos que fazem parte desta modalidade religiosa foram introduzidos aqui no período escravocrata pelos negros africanos que foram forçosamente trazidos para servirem de mão de obra.

O candomblé é uma religião politeísta, mágica e ritualista e nessas religiões não há a ideia de salvação, ou seja, não há uma busca necessária por outro mundo após a morte e uma vida no além. No candomblé, a busca é pela interferência concreta do sobrenatural neste mundo através da invocação de forças sagradas e divinas, com ofertas de sacrifícios em forma de agradecimentos às divindades, sendo esta a que mais sofre discriminação dado suas origens e seus primeiros praticantes. Observando o mapa do Brasil, percebemos que os negros vão se estabelecer principalmente pelo litoral do país, tendo em vista o transporte da época, os navios, que vão necessitar dos portos, os principais pontos de propaganda e venda da "mercadoria". Com isso, vamos perceber que os negros vão se difundir por toda parte dessa nova terra levando também sua espiritualidade ancestral, seus costumes, sua culinária e seus ritmos. Afirma Carneiro (1959, p.8 *apud*

OLIVEIRA,2014, p.33):“Assimilação desses cultos pela sociedade brasileira, o que os torna [...] nacionais de existência somente no Brasil, e não mais africanos.”

A Umbanda surgiu no Rio de Janeiro, na década de 1920 e divergente do candomblé ela cultua o desapego das raízes africanas e cultuam ações as raízes brasileiras, ela dispensou de seus rituais o uso de idiomas africanos, como também banuiu o sacrifício sangrento oferecido às divindades que é um fato normal entre os adeptos do candomblé. Nascida no Brasil, a umbanda pode ser chamada de a religião brasileira por esse primeiro fato, mas também por que é resultante de um encontro histórico e único, que só se deu no Brasil, ou seja, o encontro cultural de diversas crenças e tradições religiosas africanas com as formas populares do catolicismo, mais o sincretismo cristão trazido pelo espiritismo Kardecista de origem europeia, isto é a umbanda: uma mistura de sincretismo religioso originado no Brasil que teve um aumento grande de adeptos depois que se tornou conhecida por intelectuais como artistas, acadêmicos e estudiosos em geral.

Diz (SILVA, 2005, p. 15),

No caso da Umbanda, de formação mais recente, seu desenvolvimento foi marcado pela busca, iniciada por segmentos brancos da classe média urbana, de um modelo de religião que pudesse integrar legitimamente as contribuições dos grupos que compõem a sociedade nacional. Daí a ênfase dessa religião em apresentar-se como genuinamente, nacional, uma religião à moda brasileira.

A umbanda é um culto de possessão, pois, acredita na comunicação entre o mundo do sobrenatural e o mundo dos viventes através da incorporação de entidades espirituais. E essas entidades espirituais são conhecidas como “guias”⁴ que são espíritos intermediários de gente que já passou pelo plano terrestre, considerados inferiores aos orixás, são muitas vezes invocados nos rituais da umbanda com o intuito de ajudar, aconselhar e até mesmo curar os mortais de certas doenças. Eles recebem o nome de “caboclas” e “caboclos” e de “pretas velhas” e “pretos velhos”: os caboclos são espíritos de índios brasileiros mortos e os pretos velhos são espíritos de negros escravos. Ela representa uma síntese do candomblé, mas dos cultos afro e a umbanda é a que mais sincretiza a religião católica.

⁴ Mentores espirituais.

2.1 Mãe Joseane: Vocação e Resistência

Mãe Jô, como é chamada, teve contato com a religião ainda menina. É Guarabirense, mulher, negra, Yalorixá⁵ da nação⁶ Ketu-angola hoje com 40 anos e com seu terreiro aberto na faixa da pista, no bairro do Rosário em Guarabira-PB nos conta como foi sua entrada no candomblé e quais seus motivos, assim também como suas dificuldades.

Relata que:

Bom, eu no início não foi de imediato o candomblé né, eu comecei frequentando casas, terreiros de umbanda, porque na época aqui onde eu moro, no bairro Rosário, todas as casas na época era tudo de umbanda, não tinha nenhuma casa formada em candomblé e assim eu, fui através de um amigo, para conhecer e aí tive o conhecimento para mim, eu não gostei muito da situação, eu não achei legal então assim preferi que não ia mais não, não ia mais vê e não ia mais frequentar os de umbanda, mas aí passou-se algum tempo porque quando esse meu amigo me chamou, me convidou, eu tinha mais ou menos 12 anos por aí e assim eu não de momento eu não simpatizei né, então eu disse que não ia frequentar, que não ia mais aos locais de Umbanda, porque eu não tinha me sentido bem, não tinha me sentido legal. E daí eu passei um tempo sem frequentar e depois acho que uns 3 anos por aí, novamente por insistência desse meu amigo eu comecei a voltar de novo e a minha situação era mais séria, porque aí eu estava ficando doente e minha família, minha avó procurava os médicos e não sabia dizer qual tipo da doença que tinha, porque ia ao médico frequentemente, mas eu, continuava doente, passava remédio, eu tomava remédio não melhorava [...] Aí o que acontece, esse mesmo amigo falou comigo que isso era problema de santo, cobrança⁷ de santos porque eu era uma pessoa que tinha que trabalhar⁸, mais, no momento eu estava me recusando e aí estava adquirindo este problema, porque eu não queria entrar, pra nação e daí eu pensei no assunto formalizando eu disse "se for pra melhorar, pra ficar boa, eu vou entrar de cabeça", então, a primeira casa que eu participei, iniciei, mas não fiz nada, não fiz santo, nem na umbanda, nem também fiz Jurema⁹, não fiz nada, só no caso fui filha simpatizante né, foi à casa de Dona Luzia, e depois da casa de Dona Luzia, a gente passou um bom tempo lá, eu acho que mais o menos 3 anos e a gente foi pra casa de Dona Marina, também passamos lá mais o menos 3 anos. Depois veio Lima a gente ficou lá, ele nos recebeu, nós passamos mais o menos 8 à 9 anos com ele, e ele foi procurando mais objetivo, foi procurando buscar mais conhecimento e assim depois a gente também, fomos atrás dos nossos, nós ficamos esse tempo com ele e aí, ele como o babalorixá, nós como filhos nos tornamos mais que isso, amigos e vivemos esse tempo todo lá, mas depois eu tive um pequeno problema que aí eu fui mãe e após ser mãe eu dei uma parada novamente, de ir a Casa de Candomblé, a casa de umbanda eu dei uma parada e então nesta parada, a cobrança não veio mais pra cima de mim, a cobrança foi diretamente para o meu filho, então meu filho de 1 ano e 3 meses na época e aconteceu o mesmo problema que aconteceu comigo aconteceu com ele, a diferença que ele era novo demais e assim eu não sabia o que fazer, ou levava ele para um médico pela

⁵ Sacerdotisa religiosa.

⁶ Grupos étnicos diferentes.

⁷ Quando a divindade deseja que o filho confirme o seu compromisso.

⁸ Receber a entidade.

⁹ Culto que tem a presença de elementos indígenas, encontrados pelo Nordeste.

manhã, pela tarde ou pela noite, mas aí eu não achava uma solução porque os médicos não me davam uma posição da doença do meu filho, não tinham um diagnóstico para isso, então eu desesperada, mais uma vez esse meu amigo o nome dele é Emanuel, mais uma vez ele foi à minha casa fazer uma visita à mim, e meu filho nessa situação ele perguntou o porquê que eu não levava a criança até a casa de candomblé, pra que fosse feito algumas coisas como: uma espécie de ebó¹⁰, limpeza, eu vendo a situação do meu filho muito complicada, aí eu disse que se for pra ele ficar bom eu volto para a nação e daí ele tomou uns ebós, e daí ele ficou bom né, eu pensei que ia perder, foi uma fase de 15 dias sofrendo com ele, levando ao médico diariamente e sem solução e daí prometi, fiz uma promessa nessa hora que se ele ficasse bom, que se ele não viesse a óbito, e ele ficasse bom, por aquele sacrifício, por aqueles ebós, aquela limpeza de corpo, eu seguiria a religião e não deixaria nunca mais, então foi o que eu fiz, meu filho tinha um ano e três meses. Hoje ele tem dezoito anos e eu não saí nunca mais, até aí eu era só filha.

eu fui para o Rio de Janeiro cheguei lá aí achei realmente uma casa de candomblé, que se tocava angola, e nesta casa eu iniciei toda a preparação né que se começa de uma pessoa de filho de santo de roças, de barracão como chama, tem que se iniciar, não é preciso só dizer que é filho no nome, mas você tem que ter iniciado de uma certa forma e aí eu fui iniciada, eu fiz o laô¹¹, a primeira vez foi o primeiro passo, primeiro o laô, depois eu cumpri um regime que é dado na casa de candomblé, após um ano eu tomei a obrigação de um ano, retornei para a minha cidade Guarabira, fiquei, fiz aqui a roça, Oiá Si lêgi né, deixei preparada porque assim o santo de minha cabeça Oiá, que o povo conhece como lansã já tinha me pedido que eu formalizasse a casa, que eu fosse uma Yalorixá então vindo de lá pra cá, eu formei a casa, montei a casa isso depois que voltei de lá, fiquei esperando o resto é de meus dotes né, receber aquilo no caso o que eu tinha direito para exercer a profissão de Yalôrixá. me tornei de fato e de direito uma Yalorixá, como sou hoje né, agora eu levo minha casa, sozinha e no meu ritmo, assim aonde fui ensinada, aonde fui seguida pelos passos de meu pai de santo e assim hoje eu levo minha casa junto com meus filhos, mas eu gosto sempre de meu pai está presente não que ele venha tomar conta, quem toma frente sou eu da minha casa, mas gosto de fazer as coisas com ele porque eu acho a família candomblé, se chamar de família tem que realmente ser uma, meu babalorixá para mim ele é minha família de candomblé em primeiro lugar, é minha família de sangue, e o respeito demais, uma consideração muito grande eu faço questão que em todas minhas festas, todos os eventos da casa, meu pai de santo esteja presente.

eu já senti um tipo de preconceito para com ela, porque assim, já tiveram dias de a casa está em festa, de nós estarmos dando um toque e chega a polícia na porta, para saber como é, que é pra diminuir o toque, os sons dos tambores ou dos atabaques, mas pra mim isso é um discriminação por que se a igreja pode ter uma missa, até tal hora, uma novena, ou seja lá como chamem eu acho que o terreiro do candomblé também tem o mesmo direito como o evangélico eles pregam até as horas que querem, em microfones e assim ninguém vai lá, a polícia não vai lá perguntar o motivo, o porquê, então isso pra mim é um tipo de preconceito muito sério, contra a religião do candomblé, que eu acho que as autoridades devem prestar mais atenção nisso, por que assim nós candomblecistas também somos seres humanos nós pagamos nossos direitos, nossos impostos e assim tendo que lidar com todas as religiões. Com as pessoas já tive mais o menos 3 ou 4 discriminações, principalmente se eu estiver de torço¹² na cabeça, vestida como baiana, aí vem um comentário negativo, muito chato e hoje estamos

10 Limpeza.

11 Primeiro grau na hierarquia pelo Candomblé.

12 Pano que se amarra na cabeça.

mais por dentro da lei, sabemos como a lei deve aplicar nessa formação, e aí as coisas estão melhorando porque o racismo é um bullying, um crime, algo muito sério que a gente tem que dá um fim nisso, tem que pôr um ponto final.

2.2 Mãe Luzia: Encontros e Encantos

Luzia Ferreira, conhecida como Mãe Luzia, tem 74 anos e reside no bairro do Rosário, mulher negra. Teve sua mediunidade afluída aos 14 anos de idade, era mãe pequena da casa que zelava junto ao Pai de santo que era seu esposo, o senhor Geraldo Lopes da Silva, quem falece e dona Luzia agora é a zeladora principal e uma das mais antigas Umbandistas e Juremeira de Guarabira. Segue um pequeno relato de sua história:

Eu estou muito agradecida pelas visitas e pelos trabalhos, que estão chegando próximo à minha casa, recebo com muito prazer, com muita atenção e muito respeito. Olhe, foi por doença, eu tive uma crise muito pesada de doença, estava com 14 anos aí fui internada, passei muitos dias internada no hospital, aí um médico disse para mim que não era doença material, era espiritual e que minha família procurasse outros lugares para me curar. Me tratar e curar, porque não era nada que pertencesse aos médicos, graças a Deus que eu estou contando a história. É já vem de berço!

É eu ficava louca, quando eu era criança.

Pelo Orixá, eu fiz, quando foi? (...) Com o finado Pai Manoel (Mané da Malária) que era meu pai de santo.

Tenho conhecimento. Mas tenho! Olha, Eu entendo de muitas coisas. Umas entendo, outras não né? (risos) entende? Eu não vou dizer eu nunca, nega. Eu sei que existe, faz e tem obrigação de fazer, entendeu?

Eu gosto muito de botar quando for à parte dos caboclos eu digo, eu dou as comidas de minha mãe, eu arreo as comidas para ela.

Foi aquele menino, pai de Barros, eu trabalho dez anos com ele, só sai de lá pronta, certa com a ordem do presidente da confederação que foi no tempo do pai mestre Carlos, depois passou para seu Valdo, não sei pra quem. Aí ele chamou meu esposo "Geraldo, você vá na confederação pegar uma licença pra você e sua esposa trabalhar, ela já tá com responsabilidade de trabalhar de montar um centro, quando você tirar a licença, tira pra caboclo, pra Jurema e tira pra Orixá, para tudo, entendeu?"

Só eu, mesmo eu sendo filha única, não tenho irmão ne, meus filhos da casa não fazem parte

Minha avó era rezadeira, meu avô você chegasse com dor de dente, você com muita dor, ele colocava numa faca e dizia puxe o dente e o dente caía fora. Com 7 anos eu passei 3 dias dentro da mata.

Passei minha filha, quase que morria, dentro de casa quando a gente morava em Barra de Santa Rosa e o pessoal tudo caçando e eu trepava nos pés de pau assim vendo toda conversas eu nem comia, nem dormia e nem fazia nada e não tinha solução.

Feitura de criança de minha pessoa, se meu avô estivesse vivo hoje, eu digo aos meus filhos e ao pessoal como vocês, que a pessoa.

Olhe com licença, a prova é essa. Eu estou com 70 anos, quando eu descí, vinha uma cobra tamanho do mundo aí eu descí, quebrei o galho do pau,

não tem aquelas estacas assim, ainda hoje eu tenho um sinal aqui, olhe pode a senhora aqui passar a mão.

France: Eu estou sentindo.

Te juro na cruz sagrada do nosso Senhor Jesus Cristo, pode passar a mão direitinho olhe aqui ta vendo.

Luzia: Com 4 dias, eu caí espetada mesmo na ponta da vara, toda arranhada, toda coisada, aí minha avó curou isso aqui com pó de matruz e arceira.

O pessoal sabe, só não sabia que eu resistia, nessa época era muito escondido, não existia essas coisas, né? Meu avô me levou numa cunhada dele, numa estação de riacho que pega uma linha que vai pra Natal, no Rio Grande do Norte, quem vai aqui pra São José do Campestre, entendeu? Aí, chegou lá mas não me apresentou, passou uns negócios lá pra ele, aí chegou em casa mandou dar um lamero e tudo, homem até veneno eu comi e escapei, lhe juro perante a Deus do céu, e a coroa de Oxalá, corri, gritava, chegava dentro do roçado colocava a cabeça para cima e gritava, gritava como uma maluca e se eu não tivesse se envolvido eu não tinha chegado aos 20 anos de idade, uma crise braba, a crise mesmo me atacou quando eu estava com 14 pra 15 anos, eu não ia para o hospital, ficava amarrada, eu estava no hospital ainda hoje me lembro, quando eu passo acolá eu não gosto nem de lembrar, eu via quando eu estava toda amarrada, eu via gente sem mão, sem pé e começava a gritar, eu sofri muito criatura.

A minha é o seguinte, ela está moderna porque eu trabalho, né? Eu não visto meus trabalhos em cima dos Orixás e depende do trabalho eu visto meus trabalhos, se for pessoal de rua é de rua, e pertenceu ao mestre é dos mestres, entendeu agora? Se tem um trabalho pertence aos mestres você vem, eu estou precisando do trabalho daquele mestre, trabalho de caboclo é outro, de mestre é outro, pessoal da rua é outro.

Não, não esta riqueza, não. Esse negócio não posso usar o Orixá para enriquecer, eu não posso usar a Umbanda para eu enriquecer. E eu sou rica sim, graças à Deus na sua visão, no seu modo de ver e entender.

3 AS PRÁTICAS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

A História das Religiões de matrizes africanas, assim como toda a parcela de História e cultura afrodescendente no Brasil, tem sido feita quase que anonimamente, sem muitos registros, dos inúmeros terreiros fundados ao longo do tempo em quase todas as cidades do país. Como reflexo da marginalização e discriminação reservada ao negro em nossa sociedade, as manifestações de religiosidade afro-brasileiras, por serem religiões de transe, de culto aos espíritos e em alguns casos de sacrifício animal, tem sido associado a estereótipos como o de “magia negra”, (por não apresentarem geralmente uma ética voltada para uma visão dualista do bem e do mal, conforme estabelecem as religiões cristãs tradicionais), superstições de gente ignorante, práticas diabólicas, etc. Alguns desses atributos foram inclusive reforçados pelos primeiros estudiosos no século XIX, que sofreram fortes influências evolucionistas e tradicionalmente baseiam sua produção historiográfica no modelo monoteísta cristão que denominavam “superiores”, e que

tendem a classificar as religiões de matrizes africanas como formas “primitivas” ou “atrasadas” de culto. Para (SEVCENKO, 1998, p.21). “Por essa razão foram proibidos os rituais religiosos, cantorias e danças, associadas pelas manifestações rítmicas com as tradições negras e, portanto, com a feitiçaria e a imoralidade”. Ao longo do tempo esses e outros conceitos foram e vêm sendo revistos e o desejo de romper com a ideia de superioridade religiosa vem sendo trabalhada em conjunto com os avanços perante a luta contra a discriminação racial, onde se pregava a superioridade do branco em relação ao negro e ao nativo.

Em Guarabira esses rituais acontecem sempre no domingo entre as 13:00 e 18:00 da tarde, para iniciar acende-se uma vela em lugares específicos do terreiro, na porta, próximo ao Ogã¹³, na mesa de Jurema, no peji¹⁴, próximo a porta é riscado de giz símbolos que referem ao éxu (o mensageiro) onde também é colocado cigarros como uma oferta, depois disso é cantada uma oração com apoio do atabaque, em seguida cantasse para éxu e pomba-gira e então há um momento de defumação feitas com ervas e eucalipto por todo o terreiro, também com auxílio de cantos e então começa-se a cantar para os orixás o primeiro deles é Ogum (o guerreiro que quebra as demandas) Odé (caçador), Omulú/ Atôô (senhor da doença), Nãna (Mãe de todos os orixás), Xangô (Orixá da justiça), Yansã (guerreira dos ventos), Oxum (deusa do ouro, do amor e das cachoeiras), Yemanjá (deusa das águas salgadas, maternal), e Oxalá (Pai de todos) ao cantar para essas divindades, o filho de santo que o tem como protetor e está preparado e lhe dá permissão de está em terra o recebe. Em um momento do ritual se mistura a jurema, é cantado para os mestres que são os boêmios baianos conhecidos pelo nome de Zé Pelintra e também entidades que trazem o conhecimento das matas, os caboclos e caboclas e também os espíritos ancestrais de escravizados, as pretas velhas e pretos velhos e ainda em festas específicas, os Erês que são crianças desencarnadas. Este é o culto da Umbanda traçada na Jurema, o mais comum em Guarabira, vale ressaltar que a organização pode se modificar de um terreiro para outro, esta é a organização do terreiro de mãe Luzia.

Carneiro (1959, p.11 *apud* OLIVEIRA,2014, p. 34) relata que:

Acredita-se, em todo o Brasil, que cada pessoa tem, velando por si, uma divindade protetora. O privilégio de servi de instrumento (cavalo) à divindade

¹³ Responsável por tocar o atabaque, chamar as divindades e é a consciência do terreiro.

¹⁴ Quarto sagrado onde ficam as imagens e objetos usados no ritual.

está reservado a alguns, que precisam iniciar-se (assentar o santo) para recebe-la. Os demais devem submeter-se, entretanto, a determinadas cerimônias para poder servi-la de outra forma. A iniciação prepara o crente como devoto e como altar para a divindade protetora, que tem caráter pessoal – isto é, embora seja Ôgún ou Ômòlu, é o Ôgún ou Ômòlu particular do crente, e, em alguns lugares, tem mesmo um nome próprio, por ela mesma declarado ao final do processo de iniciação. Daí dizer-se “o Ôgún de Maria”, “o Xangô de Josefa” ou “a Yansã de Rosa”, necessariamente distintos do Ôgún, do Xangô ou da Yansã de outras pessoas. Deste modo, cada cavalo está preparado para receber apenas a sua divindade protetora, e nenhuma outra, de acordo com o modelo nagô, ou as suas divindades protetoras, em certos cultos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado os relatos dessas duas zeladoras de santo, perceberemos quão rica culturalmente são as religiões afro-brasileiras e repletas de ancestralidade, da herança cultural na comida “arriada”¹⁵ nas festas, no vocabulário, nos “pontos”¹⁶ e nos rituais a maneira como tratam os mais velhos e nos vestuários com as saias e os panos amarrados na cabeça, as camisas de botão. Também são bastante abrangentes elas não segregam seus adeptos por cor, raça, orientação sexual ou ainda identidade de gênero. São mínimas as religiões nas quais as mulheres têm direito de serem líderes religiosas sem a necessidade de uma figura masculina que venha antes na hierarquia, esse problema não existirá no Candomblé, Umbanda, Jurema e nas outras matrizes de origem afro mulheres e homens são respeitados de maneira uniforme.

Afirma Silva (2005, p. 88), “O hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades”

Uma peculiaridade encontrada em Guarabira foi o fato de não existir casas puras, ou seja, que só pratique Umbanda ou Candomblé, todos os terreiros visitados são traçados¹⁷ na Jurema, antes chamada de catimbó, que só vamos encontrar na Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Recife, em terras Nordestinas. Em seus relatos também percebemos que ainda hoje em pelo século XXI em que o povo se diz à frente de seu tempo, o que ainda fere e prevalece é a discriminação e preconceito com os praticantes das religiões dessas vertentes, a falta de exercício da laicidade por ainda serem denunciados à polícia quando estão fazendo seus cultos em seus terreiros, os vizinhos ligam os aparelhos de som com músicas

¹⁵ A comida preparada que é posta no meio do terreiro para a partilha.

¹⁶ Orações cantadas.

¹⁷ Misturados.

evangélicas numa altura estridente que atrapalha o andamento do terreiro e ainda pelo fato de não poderem fazer uma festa ou rito em locais públicos como fazem católicos e evangélicos, há sempre um empecilho e não são autorizados a fazê-lo, são olhados de maneira constrangedoras quando saem de suas casas com a roupa do santo. Em suas vozes ecoam um pedido por políticas públicas para povos de terreiros, uma visibilidade cidadã e tolerância.

A importância desse artigo é dá voz e esse povo invisibilizado pela sociedade e mostrar que nesta cidade tem um pedacinho da África, as energias da natureza fluem aqui toda vez que o tambor é tocado, que a oração é rezada e as divindades novamente pisam nesta terra com autorização de seus "cavalos"¹⁸. Os povos de terreiro trazem coisas que a humanidade tem esquecido há algum tempo: o amor pelo próximo e o respeito.

**BETWEEN THE BEAT OF UMBANDA AND THE WADDLE OF CANDOMBLÉ:
RELIGIOUS PRACTICES IN THE CITY OF GUARABIRA-PB**

ABSTRACT

Speaking of Africa is about knowing our own roots, which, however much they are spoken today, to some people, it is still something unknown and neglected. To speak about Afro-Brazilian religiosity is to speak of vocation and especially of resistance; is to know a people who care for their family; it is to speak of the black population in Guarabira-PB, which is discriminated by its color and its religious practices and is on the margins of society, such as Candomblé, Umbanda and Sacred Jurema. In this research, a piece of Africa was found in the city of Guarabira-PB, under the leadership of two strong and black women, caretakers of *santo*, who since childhood have found their gifts and connected to their spiritual and to elements of African origin. Besides being organized in Brazil and present in our states as cultural heritage, the reality is that African and Afro-Brazilian culture is present in the city; however, the houses where the practices exist are not accessible or easily identified. Usually located in peripheral and/or hidden neighborhoods, most do not have a plaque or some identification to inform that that place is a *terreiro*, unlike mother Luzia, that has a plaque, and mother Joseane, that has its house of candomblé signaled. With the help of the residents and the priestesses themselves, we were able to find the other houses. We were able to understand a little about the life of these *mães-de-santo* and to demystify the demonization and prejudice that society imposes on them.

Keywords: Religiosity. Candomblé. Umbanda

¹⁸ Mèdium que recebe a entidade.

5 REFERÊNCIAS

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. São Paulo: Artmed, 2005. Disponível em: <<https://damas20162.files.wordpress.com/2016/08/giddens-anthony-sociologia.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

OLIVEIRA, Ilzer de Matos. **Calem os tambores e parem as palmas**: repressão às religiões de matriz africana e a percepção social dos seus adeptos sobre o sistemas de justiça em Sergipe. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, 239. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/102145201_4_pretextual.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2018.

PINSK, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 20. ed. -. São Paulo: Contexto, 2009.

Sevcenko, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. v. 3: República da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção Brasileira. – 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Como entrou?

Qual o motivo?

Quando foi?

Quanto tempo de Zelador?

Quem foram seus mestres?

Estão vivos e em atividades?

É casado (a)

Grau de escolaridade?

Nação?

O senhor (a) já sofreu em sua vida algum tipo de preconceito?

Nome do Barracão?

Hoje tem muitos zeladores de Orixás modernos e os tradicionais. Fale um pouco dos dois e qual a sua casa segue

Na sua visão, se possível, conte um pouco sobre cada uma delas (zeladores tradicionais e modernos).

O senhor (a) acha que a sua religião está se intelectualizando como, produzindo livros ou outros materiais para deixar registrados seus conhecimentos?

O senhor (a) se preocupa em questão de formar herdeiros para os orixás? Já tem algum formado pelo senhor (a)? Onde mora? Tem barracão?

As festas, quando são feitas? E para quem?

Como é feito o deitar (se recolher) para o orixá? E a saída?

Como é feita a matança? O que é do orixá e da festa? Todos os médios fazem?

O que é tirar e colocar a mão?

-A pomba-Gira ou alguma outra entidade interfere na vida de alguém (sexualmente, modo de se vestir...).

-Povo da linha branca, como a umbanda, como o senhor (a) cultua?
O que é Jurema?

APÊNDICE B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins de direito, autorizo o uso da minha imagem e voz para fins acadêmicos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e gravações. As imagens poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentação acadêmica, publicações e divulgações, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao fotógrafo.

Por ser esta a expressão da minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz e qualquer outro.

Guarabira, 12 de julho de 2014

Marcene Soares da Silva
Assinatura

Nome: Marcene Soares da Silva

RG: 2.221214 CPF: 011609214-90

Telefone 01: () 988342045 Telefone 02: ()

Endereço: Itacilia Lima Cabral nº 368

Cidade: Guarabira Bairro: Paraisópolis

Francimilda dos Santos e Silva
Responsável pela Pesquisa

APÊNDICE C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins de direito, autorizo o uso da minha imagem e voz para fins acadêmicos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e gravações. As imagens poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentação acadêmica, publicações e divulgações, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao fotógrafo.

Por ser esta a expressão da minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz e qualquer outro.

Guarabira, 11 de Julho de 2014

Assinatura

Nome: Juzia Ferreira da Silva
RG: 522 830 CPF: 0275 79274-41
Telefone D1: (98869 51 80) Telefone 02: ()
Endereço: João Milanes nº 62
Cidade: Guarabira Bairro: Rozário

Franciêda do Santo eunes
Responsável pela Pesquisa